

No Parque Laje, a Bauhaus de Paul Klee recriada por Eichbauer, Denise e Amador

A Bauhaus será recriada amanhã à noite, no Parque Laje, por Hélio Eichbauer, Denise Weiler e Amador de Carvalho Peres. Na conferência-espetáculo "Paul Klee: um ponto no caos", a visão do teatro-futuro de Oskar Schlemmer (também da Bauhaus) será utilizada como ponto de referência para os alunos das Oficinas do Corpo, das escolas de Artes Visuais, Martins Penna e Belas Artes.

Aberta, também, ao público, a conferência-espetáculo servirá para dar uma visão aberta e pessoal dos três artistas sobre a vida, a obra e o mundo em que viveu Klee, tendo como ponto de partida três de seus quadros: "Senécio" (1922), "O equilibrista" (1923) e "O professor de dança" (1922).

Partindo de uma concepção segundo a qual o corpo do artista é uma escultura móvel, Hélio Eichbauer está desenvolvendo um trabalho, na Oficina do Corpo da Escola de Artes Visuais, em que procura integrar essa "escultura" à pintura e à música. Seu primeiro trabalho — "Malaikovski, Meyerhold e a biomecânica" — serviu de base para todos os exercícios feitos pelos alunos nas semanas seguintes. Agora, com Klee, Hélio vai procurar abrir um novo horizonte para todos.

Trabalharemos como se fôssemos três quadros que de repente se despregam da tela e falam sobre seu criador, sua vida, sua obra, seu mundo. Eu viverei "Senécio"; Denise, "O equilibrista"; Amador, "O professor de dança". Então, serão três pontos de vista inteiramente diferentes sobre o artista e seu mundo. Cada um de nós transmitirá ao público o modo como o trabalho de Klee o toca: sua visão do pintor, de sua obra, as músicas que elas evocam, os sons, a dança, as recordações. Usaremos textos escritos pelo próprio Klee, para suas aulas na Bauhaus; projetaremos imagens sobre seu mundo; falaremos sobre nossas próprias vivências. Será a recriação da "dança do artista plástico", ligada a todo o processo da Bauhaus, em que os professores se vestiam, se fantasiavam e desenvolviam suas aulas e suas idéias através do teatro e da dança. É o caso do Oskar Schlemmer (criador do Balé Triádico), que desenvolvia espetáculos com os alunos e os outros professores, ou do próprio Klee: quando ele dava aulas, os alunos não ficavam sentados, estáticos. O importante para ele era o movimento. Então, ele levava os alunos ao movimento, partindo do gesto para o traçado da linha na pintura.

Segundo Hélio, a grande importância do trabalho será, justamente, a visão "caleidoscópica" da arte, já seguida pela Bauhaus, e que se torna cada vez mais necessária ao artista brasileiro, ainda "compartimentalizado" no seu trabalho. Concordando, Denise Weiler cita uma frase de Klee, que utilizará na sua visão do "Equilibrista": "A arte não é uma ciência, mas, pelo contrário, o mundo da diversidade."

— E é essa diversidade, que vou citar, que estava presente em todo o trabalho de Klee. Sua obra muda o tempo todo, como o teatro-futuro de Oskar Schlemmer. Inclusive, nosso trabalho terá também essa possibilidade: na medida em que somos pessoas de três gerações diferentes, isso influirá na nossa visão dos quadros de Klee. O Hélio vê mais o pintor em termos de guerra, que foi o mundo da sua infância. Então, seu ângulo é tomado a partir de uma colocação política. É uma visão de um Klee que viu a Bauhaus ser fechada por Hitler, que foi obrigado a pedir cidadania suíça, fugindo do nazismo. De certa forma, a guerra também estará presente no meu trabalho. Mas já será em termos de consequência, porque foi a guerra que levou Klee à abstração. Segundo ele próprio: "Sou abstrato como as minhas lembranças."

Para Amador — o terceiro do grupo —, o importante é que os alunos aprendam, inteiramente, a interligação que deve haver sempre entre os mais diversos setores artísticos, para que a obra tenha verdadeira profundidade e reflita de forma precisa o momento do autor e seu mundo. Trabalhando,

Klee



inicialmente, como gravador e artista plástico, ele diz que só atingiu o sentido total da palavra criatividade ao se envolver, também, com a dança.

— Nesse momento, eu compreendi que o homem-artista pode e deve fazer de tudo. Não basta ser artista plástico em separado. Agora, é importante notar que esse trabalho que faremos é uma improvisação. Não é teatro, na medida em que não é uma coisa ensaiada. E essa improvisação parte da visão particular de cada um de nós, frente aos estímulos projetados. Mais tarde, os alunos do Hélio irão repetir a experiência, desdobrando infinitamente as respostas a esse mesmo estímulo, com soluções diversas e subjetivas.

Além de serem informados sobre a Bauhaus e Klee, os espectadores da conferência-espetáculo entrarão em contato com a música de Bach, Mozart, Villa-Lobos (fase 1919) e Erik Satie. Hélio considera esse trabalho bastante próximo à "Commedia dell'arte".

— Aliás, a "commedia" será tema de nosso próximo espetáculo, no final do mês, do qual os alunos participarão pela primeira vez. Será "A comedia dell'arte, a literatura de cordel e o bumba-meu-boi", todos vistos com as mesmas características de abertura.

Um lugar de destaque na história da arte

Bauhaus é o nome pelo qual ficou conhecida a Das Staatliche Bauhaus Weimar, uma escola de desenho fundada por Walter Gropius em Weimar, Alemanha, em 1919. Pólo de atração para estudantes de todas as partes da Alemanha e da Áustria, foi durante muitos anos um importante centro de pesquisas no qual se operou uma autêntica revolução nos métodos de ensino da pintura, da escultura, das artes industriais e da arquitetura.

A escola, entretanto, enfrentou uma obstinada oposição da parte de alguns setores da população de Weimar, e em abril de 1925, depois de uma campanha pública na qual estiveram empenhados alguns órgãos da imprensa local, transferiu-se para Dessau, onde novas instalações foram construídas, de modo a permitir que continuasse funcionando.

Projetados por Gropius, os prédios da Bauhaus em Dessau são considerados marcos da moderna arquitetura ocidental, e neles a escola esteve alojada até 1933, quando o governo nacional socialista da Alemanha a fechou, acusando-a de ser "um centro de intelectualismo comunista".

Em 1928 Gropius deixou a direção da Bauhaus para se dedicar a atividades particulares. O arquiteto Mies van der Rohe o sucedeu no posto, ocupando-o até o fechamento da escola. Alguns dos professores e artistas ligados à Bauhaus viajaram para os Estados Unidos após o fechamento da instituição, e em 1937 László Moholy-Nagy fundou a Nova Bauhaus, em Chicago. Com a colaboração de Josef Albers e de Mies van der Rohe, Moholy-Nagy difundiu as idéias da Bauhaus, costa a costa, nos Estados Unidos.

Como principal preocupação os animadores da Bauhaus tiveram a de superar o divórcio entre o artista e o artesão de formação puramente técnica. Como instrutores em suas oficinas, a Bauhaus reuniu, entre outros, os pintores suíços Johannes Itten e Paul Klee; os arquitetos Adolf Meyer (alemão) e Hannes Meyer (suíço); o escultor alemão Gerhard Marks; os pintores Wassily Kandinsky (russo) e Lyonel Feininger (americano); o cenógrafo Oskar Schlemmer (alemão); e o tipógrafo austríaco Herbert Bayer.

A ARTE DE EXPOR NAS CALÇADAS

Texto e fotos de JOSÉ VIDAL

Expor também é uma arte. Pelo menos assim pensam os numerosos artistas que, ainda desconhecidos, exibem seus trabalhos nas calçadas, praças e até nas paredes dos prédios da cidade. O paredão da Escola de Belas Artes, por exemplo, é um dos mais concorridos locais do Centro em que jovens (e alguns velhos) artistas buscam saída para seu anonimato.

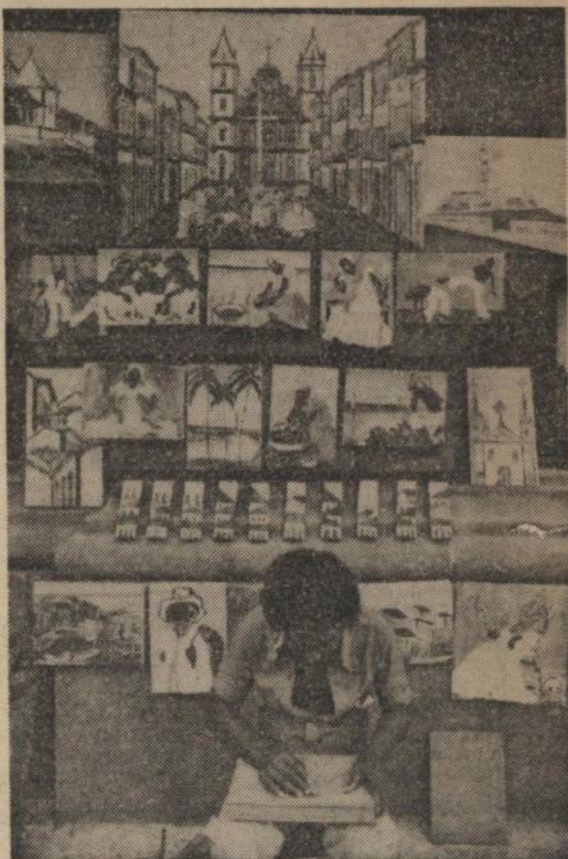
Além de pagar uma taxa mínima pelo uso desses locais, o artista tem a seu favor o fato de ter seu trabalho visto diariamente por centenas de pessoas, sem gastos com publicidade e outras despesas necessárias à montagem de uma exposição. Francisco das Chagas, pintor e entalhador, expõe seus quadros na calçada da Escola de Belas Artes. E não tem queixas:

— Meus trabalhos são baratos, mas não quero saber de outro local, pois faço bons negócios aqui.

Filho de sapateiro, nascido na cidade de Cruzeta, Rio Grande do Norte, Francisco das Chagas saiu de casa com 10 anos de idade para acompanhar o circo Buffalo Bill. Iniciado na carreira circense como equilibrista, deixou os pais e 18 irmãos "para sempre", fascinado pelo mundo do circo. Mas, depois de adquirir experiência como profissional nos circos Orlando Orfei, Teatro Aúrea, Roma, Teatro Luar do Sertão e outros — nos quais era anunciado como "Mister Chagas" — chegou à conclusão de que seu esforço não era recompensador pois seus números eram muito arriscados para a baixa remuneração que recebia. Por isso, resolveu não mais participar de tais espetáculos.

O interesse de Chagas pela pintura surgiu aos 18 anos, quando veio morar no Rio, na Rua do Livramento. Lá conheceu o xilógrafo Benedito Crispiniano, descobrindo que "pintar era a melhor coisa que poderia fazer". E foi então que começou a desenvolver sua técnica de pintor.

Sentado em um banco de madeira, empunhando num formão, Francisco das Chagas entalha e pinta cerca de cinco



Os preços dos trabalhos expostos nas calçadas são baixos, mas seus autores não têm queixa: a despesa é mínima (apenas uma pequena taxa pelo uso do local) e o público, enorme



quadros por dia. O uso do formão embora lhe provoque muitos calos nas mãos, não chega a tirar-lhe o estímulo pelo trabalho. Seus preços variam: um "miniquadro" custa Cr\$ 20,00 enquanto os maiores são vendidos a Cr\$ 1.600,00.

NA CALÇADA

Num dos trechos mais movimentados da Avenida Rio Branco, ao lado de outros pintores, Benedito Crispiniano, pai de 15 filhos, pinta e negocia, vivendo exclusivamente da pintura. Já produziu e vendeu mais de dois mil quadros, alguns "para gente importante" (ele cita o ex-Presidente Médici), fez exposições no Teatro Castro Alves, na Bahia, e foi pioneiro no Mercado Modelo ao expor suas obras.

Pintor há mais de 20 anos, Bené começou executando seus primeiros trabalhos em tela, ao invés de madeira, por causa das dúvidas que esta desperta nas pessoas quanto à autenticidade do trabalho. Muitos pensam que a xilogravura é um processo de cópia; por isso, Bené faz questão de realizar os entalhes na presença dos que duvidam de seu talento. Disse ainda que tem gente que fica horas e horas observando seu trabalho, sai, dá uma volta e, quando chega, o quadro já está pendurado. Sua técnica de pintar é das mais simples: ele utiliza apenas um lápis, para desenhar, e os dedos, para espalhar a tinta.

Para ele, entretanto, o ideal seria ter um salão de arte, pois, a mercadoria exposta ao ar livre perde muito do seu valor e é olhada com certo desprezo, como se fosse simples artesanato, enquanto outros acham que o pintor de rua não passa de camelo.

Benedito Crispiniano prefere fazer seus trabalhos em tela, ao invés de madeira, por causa das dúvidas que esta desperta nas pessoas quanto à autenticidade do trabalho. Muitos pensam que a xilogravura é um processo de cópia; por isso, Bené faz questão de realizar os entalhes na presença dos que duvidam de seu talento. Disse ainda que tem gente que fica horas e horas observando seu trabalho, sai, dá uma volta e, quando chega, o quadro já está pendurado. Sua técnica de pintar é das mais simples: ele utiliza apenas um lápis, para desenhar, e os dedos, para espalhar a tinta.